

# A (r)evolução do rádio

Sebastião Amoêdo de Barros <sup>a</sup>

**Resumo:** O surgimento do Rádio na década de 1920 influenciou sensivelmente a história, que evoluiu através da transmissão de ideias e ideais antes circunscritas aos meios impressos, de difícil e demorada disseminação. Na Europa e nas Américas, personalidades políticas souberam dispor da força da radiotransmissão para fazer valer seus valores e obter a prevalência da opinião pública. A trajetória política do Brasil na década de 1930 foi marcadamente sustentada pela força da radiotransmissão, a ponto do principal personagem de então, o presidente Getúlio Vargas, afirmar que a “Revolução se faz com Rádio e Parabelo”. Com o auxílio do Rádio foi possível alicerçar ou desmoralizar apoiadores e oponentes, em momentos assimétricos com aqueles verificados, principalmente, na Alemanha nazista ou na Itália fascista. Do júbilo à dor, o Rádio marcou presença nos mais expressivos momentos, e apesar de restrições e imposições, jamais calou a sua voz. A modulação política fez-se valer nas frequências do Rádio brasileiro, que não apenas informou, mas acima de tudo, formou gerações de cidadãos brasileiros.

**Palavras-Chave:** História do Rádio, Revolução e Rádio, Getúlio e o Rádio.

## A REVOLUÇÃO DO RÁDIO

Lamartine Babo em linda marchinha pergunta "quem foi que inventou o Brasil?, foi seu Cabral?, foi seu Cabral?. No dia 21 de abril, dois meses depois do carnaval”.

Cantemos com ele. "Quem foi que inventou o Rádio? Foi seu

Marconi, foi seu Marconi? Nos idos de 1895, um ano depois do Padre Landell”.

Sim, quem fez os primeiros experimentos com radiotransmissão foi o gaúcho padre católico Roberto Landell de Moura (Porto Alegre, 21 de janeiro de 1861-Porto Alegre, 30 de junho de 1928), autodidata em mate-

---

<sup>a</sup> Professor, doutor em Comunicação. Associado Titular do IGHMB.



mática, física e eletricidade. Em 1892 teria construído o primeiro transmissor sem fio de mensagens, antes de Guglielmo Marconi fazer seus primeiros testes na Itália. Entre 1893 e 1894, segundo Ernâni Fornari, seu primeiro biógrafo e seu contemporâneo, teria realizado a primeira transmissão pública de som por meio de ondas hertzianas, ocorrida entre o alto da Avenida Paulista e o Alto de Santana, cobrindo uma distância de oito quilômetros. Na ocasião ele testou um transmissor de ondas, um telégrafo sem fio e um telefone também sem fio, encarecendo a execução do Hino Nacional.

Como ocorrido com outros inventores brasileiros, faltou-lhe credibilidade, recursos e documentação dos feitos. Sua devoção à ciência e suas ideias avançadas para seu tempo causaram algumas vezes o espanto e a revolta dos católicos. A despeito de ter obtido registrar patentes, como o do Telefone sem Fio e o Transmissor de Ondas, caiu no

desconhecimento. Já Guglielmo Marconi obteve notoriedade acima de Nikola Tesla, este também um grande injustiçado, a ponto de ser escolhido para acionar a iluminação do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, em 12 de outubro de 1931, feito efetivado a 9.200 km de distância, como aquele que inventou o primeiro sistema prático de telegrafia sem fios.

Marconi consolidou seu prestígio através de forte *lobby* junto às lideranças internacionais que frequentavam seu navio *Elettra* equipado em 1920 para ser seu laboratório no estudo de ondas curtas e também seu lar. Além de sua família, as cabines do *Elettra* recebiam visitantes ilustres, entre eles os reis da Itália, da Espanha e Jorge V e a rainha Maria de Teck. As festas no *Elettra* tornaram-se célebres pelas músicas transmitidas pelo rádio diretamente de Londres.

Somente em outubro de 1943, a Suprema Corte dos Estados Unidos considerou ser falsa a



reclamação de Marconi que afirmava nunca ter lido as patentes de Nikola Tesla e determinou que não havia nada no trabalho de Marconi que não tivesse sido anteriormente descoberto por Tesla. Infelizmente, Tesla tinha morrido nove meses antes.

O Brasil tem uma data devidamente documentada para marcar o início das transmissões radiofônicas. Esta se deu no dia 7 de setembro de 1922, por ocasião da Exposição do I Centenário da Independência. O discurso de abertura do Presidente Epitácio Pessoa foi irradiado através de ondas eletromagnéticas emitidas do alto do Corcovado, por emissora experimental montada pela Westinghouse Electric. Mas a Marinha de Guerra já tinha uma estação transmissora de sinais e informações náuticas desde 1915, esta sediada na Fazenda São Sebastião do Rio de Janeiro, na Ilha do Governador.

A emissões exigiam altos investimentos, o que ocasionou o

nascimento de Clubes e Sociedades de cidadãos abastados, compromissados com o ideal de disseminação da educação e cultura através da TSF - Telegrafia Sem Fio. Em abril de 1919 foi inaugurada, na cidade do Recife a Rádio Clube Pernambuco, primeira emissora particular de rádio no Brasil, iniciativa de Augusto Joaquim Pereira. Mais tarde, a 25 de maio de 1923, no anfiteatro de física da Escola Politécnica, foi inaugurada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, operacionalizada pelo médico legista e professor Edgard Roquette Pinto, o engenheiro industrial e professor Henrique Morize, e os engenheiros Domingos Costa e Adolpho J. del Vecchio que conseguiram do governo a concessão de uma das duas emissoras Western Electric, importadas para serviços telegráficos, de 500 watts de potência.

Na ocasião, segundo o *Correio da Manhã* de 20 de maio de 1923, causou grande reper-



cussão o gesto da Casa Argentina que doou vários equipamentos:

O lindo gesto da grande e importante casa argentina, que bem traduz o empenho do grande povo, não só pelo progresso próprio, como também pelos desenvolvimentos de seus amigos e vizinhos, despertou, em todos os presentes, um arenito de entusiasmo, ouvindo-se então, levantados pelo intelectuais, homens de letras e cientistas, que enchiam a sala, muitos vivas à nação argentina.

Em nome da directoria, o dr. Roquette Pinto, num brilhante improviso, agradeceu e propôs que a directoria telegrafasse ao embaixador argentino dizendo quanto era grato aos cientistas brasileiros receber tal prova de sympathia de industriais da nação irmã<sup>1</sup>.

Foram quase 100 anos entre a invenção do Telégrafo por Samuel Finley Breese Morse (1791-1872), que realizou o primeiro teste prático entre Baltimore e Washington em 1844, para a chegada da rádio trans-

missão, que por sua vez se iniciaria em 12 de dezembro de 1901 entre Poldhu em Cornwall, UK e Newfoundland, Canadá. Tal feito de Guglielmo Marconi (1874-1937) levou apenas cinco anos a ser efetivado, desde a apresentação do telégrafo sem fio em 1896, com idéia surgida ainda nos idos de 1860.

Já em 1902 a possibilidade de transmissões da Telegrafia sem Fio - TSF se iniciava no Brasil gerando uma incompatibilidade de interesses entre governos locais da Amazônia, o governo central e organizações privadas internacionais interessadas na exploração comercial desse potencial.

Nada acontecia por acaso, tais projetos eram mais que discussões da esfera econômica, e sim de forte interesse do Poder tanto público quanto particular. Em 1919 a Companhia Radiotelegráfica Brasileira (Radiobrás), empresa subsidiária da Radio Corporation of America (RCA) é instalada no Brasil com o



objetivo de exploração privada da tecnologia sem fio. Tal empresa permaneceu até a década de 1970 fazendo uso das concessões públicas oferecidas pelo governo brasileiro. Damasceno observa na *Revista Ferro Carril* de 1919:

Em 1919, o anúncio do início das operações da Radiobrás dividiu opiniões. Grupos contra e a favor da entrada de empresas estrangeiras com acesso às comunicações sem fio organizaram movimentos antagônicos. Se por um lado havia grupos dentro do Estado que justificavam as operações da Radiobrás como necessárias para o estabelecimento das comunicações internacionais, já que tais comunicações de maneira alguma poderiam ser realizadas por instituições pertencentes a governos, outro, mais nacionalista em sua forma de protesto, era contra a presença de tais instituições na administração do tráfego radiotelegráfico civil e militar<sup>2</sup>.

Os esforços de Telegrafia sem Fio passaram a ocorrer também no âmbito militar:

"Desde 1919 funcionava em anexo ao Observatório da Escola Politécnica, no Morro de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, uma Escola de Radio-telegrafia, organizado pelo Prof. Francisco Behring, então diretor-geral dos Telégrafos".

Segundo Silva Telles:

O Exército foi uma das organizações que cedo desenvolveu seu próprio sistema de rádio-comunicações. As primeiras estações rádio-telegráficas foram montadas em 1913, no Quartel-General do Exército e em algumas fortalezas no Rio de Janeiro e em Niterói. Em 1926, o Exército já contava com doze estações rádio-telegráficas fixas, em vários pontos do país, e 14 estações portáteis de campanha, essas últimas com alcance de até 3.000 km; o equipamento era o mais moderno do mundo na sua época.

Em 1920, (ou 1915 de acordo com Jaime Moraes) foi a vez da Marinha de Guerra experimentar a rádio-telegrafia, com aparelhos instalados em terra e em alguns contratorpedeiros da Esquadra. A



experiência inclui também a comunicação com um aparelho no Palácio Presidencial em Petrópolis, de onde falou o próprio Presidente da República, Epitácio Pessoa. A Marinha já havia também instalado uma potente estação rádio-telegráfica no arquipélago dos Abrolhos.

A primeira estação rádio-telefônica de emprego geral, para a transmissão de músicas, noticiário, etc., foi entretanto uma comprada pelo Governo Federal para a Diretoria dos Telégrafos, e cuja antena estava situado no alto do Corcovado, no Rio de Janeiro. A estação tinha um potência de 1 kw, com equipamento de “Westinghouse Electric”, transmitindo em onde de 450 m. A sua montagem, dirigida pelo Eng. N.H. Slaughter, teve a colaboração da ‘Light”, no fornecimento da energia para o local, e da Cia. Telefônica Brasileira; as antenas eram dois mastros com 37,5 m de altura. Essa estação foi inaugurada a 7 de setembro de 1922, com as palavras do Presidente Epitácio Pessoa, abrindo a “Exposição do Centenário”; em seguida, foi transmitido, ao vivo, a ópera “Guarani”, diretamente do

Teatro Municipal. Havia na ocasião cerca de 80 aparelhos receptores instalados no Palácio do Catete, Palácio Monroe, Gabinete do Prefeito e em alguns Ministérios, e também em várias residências, no Rio de Janeiro, e em Niterói, Petrópolis e São Paulo, além dos aparelhos colocados no recinto da Exposição do Centenário. Esses últimos, munidos de alto-falantes com grandes cornetas, despertaram viva curiosidade dos visitantes da Exposição; em torno deles apinhava-se uma multidão maravilhada com a novidade, que constituía uma os grandes atrativos da Exposição. No intervalo das músicas, o locutor Mário Liberali; concitado o povo a comprar “Bônus da Independência”, “de que nenhum brasileiro pode prescindir”<sup>3</sup>.

Em sua gênese o rádio era atividade de idealistas que desejavam utilizar a potencialidade daquele meio para disseminar a educação, a cultura e a ciência. É a própria Academia Brasileira de Ciências que vai conceber a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Até então para o



governo esse meio era prioritariamente dedicado à facilitação da comunicação telegráfica.

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro mantinha uma programação diária de informações científicas e industriais, conferência literárias, poesia e música, além de biblioteca especializada e laboratório. Segundo Silva Telles: “No seu quarto aniversário, em 1927, já contava com cerca de 4.000 horas de transmissões para todo o país, onde se incluíam programas de aulas de português, línguas estrangeiras, geografia, história e ciências, dadas por ilustres professores”. Podemos intuir que nascia então o Ensino a Distância, tão atuante na contemporaneidade.

Em dezembro de 1924 houve a primeira regulação, através de Decreto, dos serviços civis de rádio, abrangendo as estações costeiras e interiores, fixas e móveis (em navios e aviões), e também rádio-faróis,

rádio goniômetros, e estações experimentais.

Prossegue Silva Telles:

Em 1929, já existiam ao todo no Brasil 19 emissoras de rádio em funcionamento, sendo 4 no antigo Distrito Federal, 4 na cidade de São Paulo e 5 no interior do Estado, duas no Rio Grande do Sul, e uma em cada um dos seguintes Estados: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Paraná<sup>4</sup>.

A leitura do subtítulo Rádio-Comunicações de Silva Telles, expresso ao longo de 9 páginas, é um referencial indispensável pois trazem abundantes informações sobre o período e os primeiros passos das rádio transmissões.

Nos Estados Unidos, os fortes conglomerados eletroeletrônicos haviam assumido o meio de comunicação rádio já em 1919. Sete anos mais tarde, tinham acesso a cinco milhões de lares e, em 1927, introduziram os anúncios comerciais para financiar a



programação. De acordo com as notas da Dw.Com:

Em 22 de dezembro de 1920 ia ao ar a primeira transmissão de rádio na Alemanha. "Atenção, atenção – aqui é Königs Wusterhausen na frequência 2700." Assim foi anunciado o concerto de Natal oferecido por funcionários do Deutsche Reichspost (Correio Imperial Alemão). Na ocasião, o prédio da emissora, situado no município de Königs Wusterhausen (Grande Berlim), foi tomado por sons de clarinete, harmônio, instrumentos de cordas e piano. A qualidade da transmissão, porém, era ruim, e estalidos e ruídos acompanharam toda a apresentação musical. Sem contar que apenas representantes oficiais do Deutsche Reichspost podiam ouvir a transmissão, já que, na Alemanha, conforme o Tratado de Versalhes, cidadãos comuns eram proibidos de escutar rádio<sup>5</sup>.

Em 29 de outubro de 1923 é lançado o primeiro programa de entretenimento dando sequência a um verdadeiro culto que

passava a varrer toda a população, em tempos de profundas mudanças culturais e dificuldades emocionais e econômicas. Em menos de um ano mais de um milhão de pessoas acompanhavam as transmissões de rádio.

Em 4 de dezembro de 1924 é realizada a primeira feira de Radiodifusão de Berlim com 404 expositores e 114 mil visitantes. No mesmo ano foi criada uma taxa para se ouvir Rádio, garantindo os interesses dos investidores no novo entretenimento.

Como os aparelhos eram muito caros muitas famílias construam o seu pessoalmente. Em 1930 já havia na Alemanha 28 emissoras de Rádio, empregando 30 mil funcionários e colaboradores.

Em 1932 já eram mais de 4 milhões a ouvirem 15 horas de programação por dia. Como qualquer sociedade sofre de certo dose de misonéismo os ouvintes passaram a ser chamados, por uma pretensa elite cul-



tural, de “radiotas”. Os críticos alegavam que o rádio iria influenciar negativamente, principalmente com o gênero de programa que acabava de nascer: o rádio-teatro. Desde 1929 também já ocorriam reportagens e acompanhamento especial de competições esportivas e dia a dia da cidade, algumas vezes transmitidas de balões.

Não causa portanto surpresa a grande adoção do rádio para as transmissões de discursos e de propaganda pelo Ministério da Instrução Pública e Propaganda da Alemanha, criado em 11 de março de 1933 e entregue a Joseph Goebbels, que passou a manipular todas as formas de manifestações culturais da Alemanha. Assemelhava-se à história no Brasil.

O rádio obteve um papel muito importante na época da Era Vargas (período compreendido entre 1930-1945). Inicialmente, o rádio era um meio de comunicação das elites e só na década de 1930 no governo do presidente Getúlio

Vargas, com o objetivo de atingir toda a população, transforma-se em meio de comunicação de massa, voltado à diversão e entretenimento do povo brasileiro. Foi então que em meio a tanto sucesso, Vargas resolveu explorar o rádio e passou a utilizá-lo como um grande aliado político sendo um meio de divulgação de seu governo interna e externamente, forma de repressão e controle de informações feitas pelo Estado (através do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda) e criando mecanismos para difundir seus interesses para o Brasil durante o período que estava no poder.

Já em 1931 o governo de Getúlio Vargas havia criado o Departamento Oficial de Propaganda - DOP para elaborar e sistematizar o que era chamado na época de “um discurso legitimador através da propaganda e, sobretudo, da necessidade de eficácia e abrangência dos canais de difusão”. Somavam-se ao Rádio a mídia impressa, o cinema e a radiotelegrafia. Quaisquer



processos técnicos pertinentes eram instrumentos de difusão uma vez que a sistematização da propaganda há muito já era valorizada, notoriamente pelos exemplos práticos identificados na Alemanha. No entanto as forças políticas dos primeiros anos do governo Vargas e suas divergências de pensamentos, dificultaram no início a formulação de um projeto propagandístico por parte do governo. Desta forma, a criação do DOP facilitou a implantação dos sistemas de controle do ideário nacional por Vargas e seus colaboradores.

Em julho de 1934 - ano em que terminou o governo provisório de Vargas, com sua eleição e a criação de uma nova Constituição federal, que substituiu a vigente desde 1891 - o DOP foi substituído pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). Este permaneceu ligado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, mas abrangia outros veículos de comunicação de massa, incluindo os setores de cultu-

ra e cinema, à semelhança do que ocorria na Alemanha nazista, onde Joseph Goebbels passava a dominar não apenas os meios de informação, mas também a cultura, das artes plásticas ao cinema e teatro.

Em 1938, no início do Estado Novo, o DPDC foi transformado em Departamento Nacional de Propaganda (DNP), atuando em todos os campos relacionados com a denominada “educação nacional” e exercendo a censura e o controle de todos os meios de comunicação.

Em 1939, através do Decreto presidencial nº 1.915, de 27 de dezembro daquele ano, o DNP foi extinto, dando lugar ao DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Curioso acompanhar que o Brasil seguia pari passo os caminhos da Alemanha, onde Goebbels e Göring disputavam como inimigos fideis o controle do ideário nazista e as atenções do Führer.

O desenvolvimento do Rádio durante o período Vargas, com-



preendendo de 1930 a 1945, é muito bem relatado no Trabalho de Conclusão do Curso de Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Nele Luiz André Ferreira de Oliveira desenvolve todo um histórico fartamente fundamentado em pesquisa bibliográfica<sup>6</sup>.

Em seu trabalho o jornalista e professor Luiz André apresenta um histórico do surgimento do Rádio, sua utilização por Getúlio Vargas como palanque político para várias áreas da vida nacional: a cultura, a educação, o trabalho, o ruralismo e o entretenimento.

Os grandes líderes da época, Hitler, Stalin, Roosevelt e o brasileiro Getúlio Vargas, de imediato identificaram no rádio um grande potencial para divulgação de seus objetivos políticos. Logo seriam seguidos por Juan Domingo Perón, na Argentina. Na

Espanha Franco tudo fazia para desmentir o que se ouvia do exterior. A Voz da América levava ao mundo a ideologia capitalista-democrática, acompanhada pela BBC de Londres. O ar já deixara de servir apenas como recurso de vida, para ser via de transporte, com equipamentos inventados por Santos Dumont. Assim deixou de servir somente como combustível de vida e passou a ser a estrada desse meio para transmissão de idéias e pensamentos, com o recurso da voz humana. A partir daí o uso bélico foi apenas um novo passo, incorporado nos conflitos de 1932 em São Paulo e logo depois nas campanhas de justificação de combates a favor dos “aliados” contra os “odiosos” inimigos do “eixo”. Narra Oliveira: muites de o primeiro avião de c

A guerra pelo ar começou muito antes de o primeiro avião de combate invadir as fronteiras inimigas, entrando em ação quando as forças políticas ainda estavam se alinhando em torno das posições no conflito. Com o avan-



ço da tecnologia e o desenvolvimento das ondas curtas, os sinais de rádio foram direcionados de forma a avançar as fronteiras, de uma maneira como nenhum pelotão de soldados podia invadir<sup>7</sup>.

Os primórdios do Rádio em 1920 eram embaraçados por uma legislação empírica que proibia as emissões radiofônicas, o que obrigou Roquette Pinto precisar de uma autorização especial para efetuar testes e inaugurar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, 1921. Os aparelhos receptores eram poucos e o ouvinte tinha que pagar uma taxa de contribuição ao Estado pelo uso das ondas.

A população menos abastada recorria aos rádios galena para poder receber ouvir as transmissões ainda eventuais. De acordo com relatos da época o rádio galena, como se chamava, tinha uma pedra, chamada galena, que tinha uma espécie de agulha sobre ela. Ouvia-se mal, muito mal, mas era um verdadei-

ro milagre para os ouvintes extasiados com tamanho “milagre”.

As primeiras emissoras transmitiam músicas, muitas das vezes com acetados emprestados por ouvintes. A pouca disseminação do Rádio o induzia a fazer transmissões para uma elite abastada que podia dispor de recursos para adquirir os aparelhos receptores.

Já em 1930 são efetuadas as primeiras atuações, ainda que empírico práticas, de campanha política pelo Rádio, disseminando a campanha à Presidência da República de Julio Prestes através da Rádio Educadora Paulista, da capital de São Paulo. Segundo Calabre:

A Rádio Educadora Paulista tinha entre seus associados Júlio Prestes, candidato à Presidência da República. Esquecendo seus princípios puramente educativos, a emissora fez efetiva campanha para o candidato paulista. Dentro da Rádio não se falava o nome de Getúlio Vargas, can-



didato da Aliança Liberal, pois isso era proibido<sup>8</sup>.

Um dos pioneiros do rádio, Mário Ferraz Sampaio, que teve a honra de conhecer e ter como Diretor no Curso de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia de Campos dos Goytacazes, relata:

Tornou-se uma entidade comercial, quebrando desta forma a linha não lucrativa instituída pela sociedade civil anteriormente constituída pelos fundadores. Estes estatuíam que à sociedade era vedado o partidarismo político e religioso. Esta linha foi quebrada pelos novos diretores, que entregaram a emissora à política perrequista, visando com isso proveitos pessoais, aderindo a uma desabalada propaganda eleitoral de Júlio Prestes à presidência da República. Tudo bem maquinado e executado<sup>9</sup>.

Não se pode afirmar que Julio Prestes tenha sido o primeiro a desrespeitar a função sócio-educativa do Rádio de

então. Desde 1929 várias emissoras já transmitiam músicas a favor de Getúlio Vargas. Segundo Jambeiro:

Desde a campanha presidencial de 1929, a evolução do uso da música popular como instrumento de propaganda tornou-se bastante expressivo. As marchinhas em favor de Vargas, gravadas por Francisco Alves, na Odeon, em janeiro de 1929 – “É sim senhor”, “Seu Doutor” e “Seu Julinho vem aí” encontravam respostas nas defesas de Júlio Prestes gravadas por Jaime Redondo, na Columbia, em dezembro do mesmo ano<sup>10</sup>.

O dia 2 de janeiro de 1930 marca a primeira vez em que o rádio foi utilizado como veículo direto de propaganda política no país. A Rádio Clube do Brasil, no então Distrito Federal transmitiu o primeiro grande comício da Aliança Liberal, ocorrido na Esplanada do Castelo, durante o qual Getúlio Vargas apresentou a sua plataforma eleitoral. Narra Nascimento:



É mister ressaltar que embora o rádio tenha realmente alcançado força de expressão sociológica basicamente a partir de meados da década de 30, mais especificamente a partir de 1933, considera-se que já a partir do final da década de 20 cada vez mais o rádio passou a atuar como agente de propaganda política, ideológica e cultural<sup>11</sup>.

O Rádio não fez a Revolução de 1930. Ficou longe disso, com entretenimento musical fiel às demandas de seus assinantes. O Rádio jornalismo era inexistente, limitando-se os locutores à leitura dos jornais impressos. Com isso os movimentos políticos eram noticiados, por vezes, com dois dias de atraso. A emissão radiofônica era ainda uma desobediência civil, uma vez que a Lei o previa com função estratégica desde o término da I Guerra Mundial. Para minimizar as consequências, Roquette-Pinto indicou para a presidência de honra da Rádio Sociedade Rio de Janeiro

o ministro da Viação e Obras Públicas, Francisco de Sá, de quem dependeria a revogação da lei. Relata Bahia:

Os jornais da capital da República publicavam a notícia da revolução com dois dias de atraso. Só então o povo fica sabendo que havia estourado um movimento no Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba para derrubar o Governo Washington Luís. Os grandes jornais estão do lado da lei e da ordem. [...] Washington Luís, no começo de outubro, lança manifesto condenando o 'Sanguinário movimento subversivo' em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba. Os jornais, sem exceção significativa, registram em suas edições diárias apenas informações oficiais... No começo de outubro, o movimento já está em marcha, mas o noticiário dos jornais é ralo, anódino [...] Só a partir de 25 de outubro os jornais se rendem à evidência de que há uma revolução vitoriosa e a nação, em sua maioria, lhe dá apoio<sup>12</sup>.



Os revolucionários fizeram amplo controle sobre a Rádio Gaúcha apenas permitia-se a divulgação de comunicados oficiais depois de assinados pelo General Góis Monteiro – Chefe das Tropas em Operação. Uma vez no poder imediatamente fizeram intervenção na Rádio Educadora Paulista, que se apresentava legalista e defendia a eleição e posse de Julio Prestes. Testemunha Mário Ferraz Sampaio:

Havendo se empenhado na defesa da posse de Júlio Prestes e assumindo uma posição de apaixonado destaque na contra-revolução de 19 de outubro de 1930, usou para tanto uma agressiva propaganda contra os revolucionários adeptos de Getúlio Vargas, propaganda que irritou os participantes do movimento<sup>13</sup>.

Para Oliveira "a ligação de Vargas com o rádio vem desde antes de ele assumir o governo. Um casamento conturbado, porém indissolúvel, com brigas e reconciliações, provas de amor e

ódio"<sup>14</sup>. A horizontalidade de penetração do novo meio atingindo todas as faixas sociais e culturais na maior instantaneidade, atraiu de imediato a atenção da classe política. Vargas foi um dos primeiros a atentar e legislar sobre transmissões radiofônicas:

O primeiro ato veio antes de se sentar na cadeira de presidente da República. Foi em 1926, quando foi aprovado o decreto nº 5.492, de autoria do então Deputado Federal Getúlio Vargas, que estabelecia o pagamento de direitos autorais pelas empresas que veiculassem músicas ou as incluíssem em sua programação. Alega Jambeiro:

O namoro de Getúlio com rádio já vinha de longa data. Desde a década de 20, ainda deputado, o futuro presidente do Brasil decidiu apostar no seu desenvolvimento e nos artistas, que mais tarde se transformariam em ídolos, através das ondas magnéticas do novo veículo. Foi, sem dúvida, projetando o alcance e a



repercussão do rádio que, em 16 de julho de 1926, Vargas conseguiu aprovar o decreto legislativo 5.492, que ficou conhecido como Lei Getúlio Vargas<sup>15</sup>.

Uma briga entre a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) que exigia cumprimento da Lei de Direitos Autorais fez as emissoras silenciarem suas transmissões, já no poder Vargas exigiu providências do Ministro da Justiça o que motivou o surgimento da normatização da atividade com o governo aumentando o seu poder no processo de concessão e de renovação de licença a exploração do serviço de radiodifusão mediante condições e prazos certos. O novo veículo passou a ser considerado como de interesse nacional e de finalidade educativa. A legislação que se impôs responsabilizava os diretores da emissora pela responsabilidade das emissões, nos casos em que não houvesse autoria expressa. Tal determinação é ainda vigente na Lei de Im-

prensa. Prosegue Oliveira, com Ortriwano:

De início, era preciso regulamentar o setor para que o governo tivesse um controle maior sobre ele. O primeiro passo foi tomado pouco depois da Revolução de 30. Em 27 de maio de 1931, foi baixado o decreto nº 20.047, primeiro diploma legal sobre a radiodifusão, surgido nove anos após a implantação do rádio no país. O rádio já interessava ao governo. "Percebendo o efeito que o novo veículo provocava, as autoridades revolucionárias começaram a se preocupar com a sua regulamentação definindo, então, a radiodifusão como de interesse nacional e de finalidade educativa<sup>16</sup>.

Com gênese idealista e com alta dose de empirismo o Rádio carecia de recursos financeiros advindo de seus "associados" que deveriam pagar taxa regular. Mas raros eram aqueles que se mantinham fiéis no compromisso. As emissoras definhavam com amadorismo, logo tendo de se



alinhar ao mercado, inicialmente subrepticiamente com recados e abraços a comerciantes patrocinadores e logo depois com a inserção de “reclames”. O número de estações crescia ao mesmo passo que aumentava a oferta de novos aparelhos de recepção. Se em 1930 havia 19 estações, de 1932 a 1937, foram inauguradas 42 novas estações, passando o país a possuir 63, quantidade que pulou para 111 em 1945, quando chega ao fim o Estado Novo.

O Estado passa a controlar o Rádio e impor suas ideias. Inicialmente pelo direito de concessão de novas emissoras e permissão de importação de equipamentos, logo a seguir pelas restrições ideológicas impostas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, através da censura e do envio de inserções oficiais. Não obstante, o governo passa também a adquirir emissoras oficiais: as rádios MEC, Nacional, Mauá e Distrito Federal e uma

rede de emissoras retransmissora de programas rurais.

Getúlio Vargas soube entender a força do Rádio. Incentivou seu crescimento, institucionalizou a profissão que não era regulamentada, prestigiava profissionais e até tinha um telefone privado para falar com Victor Costa Diretor da Rádio Nacional, mas estabeleceu regras severas para seu controle, sempre via DIP, e assim se serviu para fazer valer seu ideário e sua imagem perante o povo. Alinhava-se aos governos fortes de então: Stalin, Hitler, Franco, Roosevelt, mas mantinha certa flexibilidade tropical. Publicamente silenciava sem amordaçar, dominava sem domesticar, apresentava-se na hora e no momento certo, sem aparentar imposição forçada, mas em privado perseguia truculentamente seus opositores. Rememora Dayse Lúcida em entrevista a Luiz André Ferreira:



Era só na *Hora do Brasil*. Ele nunca fez discursos. Ele nunca invadiu a rádio. Eram notas. A *Hora do Brasil* é que noticiava... A Rádio que eu falo, as rádios oficiais, as do governo, ele jamais deu uma ordem direta, jamais se intrometeu, jamais quis um horário para ele, jamais interrompeu uma programação para ele entrar, fazendo campanha dele. Ele era muito esperto. Eram notas, e estas a *Hora do Brasil* que transmitia. Depois dele, isso [a interrupção da programação para pronunciamentos e propagandas governamentais] tornou-se uma prática comum feita por todos os demais presidentes ditadores ou democráticos, e que acontece até hoje. É só ouvirmos.

Getúlio soube usar o rádio com rara maestria, a mesma demonstrada pelos grandes líderes de então, notoriamente os nazistas, que mais tarde seriam analisados por Serge Tchakhotine em *A Mistificação das Massas pela Propaganda Política*. "Criou-se um elo mágico entre o indivíduo, que atuava nos microfones,

e a coletividade. Além de vender produtos e ditar modas, o rádio mobilizava as massas, levando-as a participar ativamente da vida nacional<sup>17</sup>."

Jambeiro prossegue:

Nenhum meio de comunicação foi tão utilizado politicamente como o rádio. Foi através das transmissões radiofônicas oficiais que o governo conquistou a popularidade necessária para manter por tanto tempo um sistema ditatorial no País<sup>18</sup>.

A potência do Rádio se manifestava pela comunicação direta, em afetividade jamais possibilitada pelo meio impresso. Sua linearidade social e cultural tornava incluso e partícipe dos testemunhos oculares da história mesmo aqueles sem aptidão para a leitura. Discorre Lenharo:

O rádio permitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional [...] O



importante não era exatamente o que era passado e sim, como era passado, permitindo a exploração de sensações e emoções propícias para o envolvimento político dos ouvintes<sup>19</sup>.

Cada ditador tem seu arauto. Hitler tinha Goebbels. A admiração do estamento getulista logo viria a se transformar em mimetismo já que desde logo ocorreram as visitas a Berlim e os relatos maravilhados se fizeram ouvir. Um dos primeiros, o do oficial de Gabinete da Presidência da República, Luiz Simões Lopes, que em 22 de setembro de 1934, se destinava ao próprio presidente:

Tencionando passar de dois a três dias, mas tomando informações sobre o Ministério da Propaganda, tão interessante me pareceu a sua organização que fiquei coligindo notas e, principalmente, cópia da moderna legislação alemã sobre trabalho, propaganda etc. Após o advento do governo nacional socialista, senhor absoluto da Alemanha em to-

dos os ramos da actividade do país [...] o que mais me impressionou em Berlim foi a propaganda sistemática, methodizado do governo e do sistema de governo nacional socialista. Não há em toda a Alemanha uma só pessoa que não sinta diariamente o contato do 'nazismo' ou de Hittler, seja pela fotografia, pelo rádio, pelo cinema, através de toda a imprensa alemã [...] são usados amplamente todos os meios conhecidos, como rádio, cinema, imprensa, que são totalmente controlados pelo governo. Este possui órgãos especializados, chamados câmaras (do cinema, do rádio etc) [...] A organização do Ministério da Propaganda fascina tanto que eu me permito sugerir a criação dele no Brasil.

Luiz Simões Lopes seguia o mesmo parecer do americano Harwood Lawrence Childs que em seu livro *Relações Públicas, Propaganda e Opinião Pública*, publicado em 1964 pela Fundação Getúlio Vargas, presidida pelo próprio Simões Lopes, rasgava elogios ao Ministério da



Instrução Pública e Propaganda da Alemanha e a seu responsável Joseph Goebbels.

“A propaganda só funciona quando permanece na sombra como tendência, como caráter, como atitude, aparecendo unicamente na ação, nas sequências, nos processos, no contrato de seres humanos”<sup>20</sup>. Tido como norte orientador da comunicação, admirado e seguido por entusiasmados próceres do forte regime, Joseph Goebbels explicava sua atuação de Instrução e Propaganda, de acordo com Longerich:

A instrução popular é coisa essencialmente passiva: a propaganda, pelo contrário, ativa. Não podemos nos contentar em dizer ao povo o que queremos e em instruí-lo sobre como fazê-lo. Precisamos alinhar essa instrução a uma propaganda governamental ativa que se proponha a conquistar gente<sup>21</sup>.

Vargas centralizou a sua máquina de propaganda nas

mãos do sergipano, jornalista e escritor Lourival Fontes, que de imediato viajou como observador a Roma, para conhecer os procedimentos do regime fascista e interagir com autoridades locais. Disfarçado de Chefe da Delegação Brasileira na Copa do Mundo de 1934 realizada na Itália, pôde ter extensa agenda de encontros até mesmo com o Presidente Benito Mussolini.

Na Itália fascista funcionava desde 1929 a *L'Unione Cinematografica Educativa* ou *Instituto Luce*, fundado por Luciano de Feo e logo dirigido por Benito Mussolini, que o governou através do Real Decreto-Lei nº 1985 de 5 de novembro de 1925, como uma "instituição moral" de direito público sem fins lucrativos. Em julho de 1925, a presidência do Conselho de Ministros enviou uma circular aos ministros do Interior, da Educação, Economia e das Colônias, orientando-lhes para que usassem exclusivamente o Instituto Luce para seus propósitos



específicos, educacionais e propagandas.

Para muitos, Lourival Fontes é o responsável pela adoção de atributos fascistas do governo Vargas. Ficou com seu grande prócer até o seu fim, apoiando seu retorno ao governo e no lamento incontido de sua morte. Diretor do Departamento Oficial de Propaganda- DOP, vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, desde o governo provisório ele se tornou o articulador da comunicação naquilo que atualmente denominamos de “marqueteiro”. Prosseguiu como Diretor do Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural - DPDC, criado pelo Decreto-Lei nº 24651 de julho de 1934, depois Departamento Nacional de Propaganda, encarregado da educação nacional, censura e controle dos meios de comunicação, sempre à semelhança de Berlim. Foi no DNP que começaram as primeiras experiências de implantação

do programa em cadeia nacional a *Hora do Brasil*. Oliveira afirma:

A propaganda governamental incorporou à sua rotina atividades como: criação de grandes eventos em torno de datas cívicas implantadas pelo governo, distribuição de publicações e folhetos, além do “Boletim de Informações” editado em quatro idiomas, que era distribuído a jornais e órgãos estrangeiros visando divulgar o Brasil no exterior. Além disso, o DNP passou a produzir e fiscalizar se a *Hora do Brasil* estava sendo retransmitida por todas as emissoras do país. Coube ao DNP ainda reproduzir e fiscalizar o cumprimento da decisão presidencial de proibir a transmissão de programas em território nacional que não fossem em português<sup>22</sup>.

Finalmente, em 1939, pelo Decreto Presidencial nº 1915 de 27 de dezembro, é extinto o DNP e surge o Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, através do Decreto nº 5.077, de 29 de dezembro de 1939, vinculado diretamente ao presidente



da República. O DIP tinha como destinação a “[...] elucidação da opinião nacional sobre as diretrizes doutrinárias do regime, em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileira”. Desde o golpe do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, tais atividades ocupavam as instalações do Palácio Tiradentes, até então Câmara dos Deputados. O DIP uniu diversos setores de propaganda que anteriormente estavam alocados em outros órgãos públicos e ministérios e passava a falar em nome de todo o governo. Passou assim a atuar maciçamente no Rádio e no Cinema, alicerçando a imagem trabalhista de Getúlio. O órgão era dividido em cinco estruturas principais: “Divulgação, Radiodifusão, Cinema e Teatro, Turismo e Imprensa. Essas subestruturas abrigavam outros serviços, como Comunicações, Contabilidade e Tesouraria, Material, Filmoteca, Discoteca, Biblioteca, Garagem, Distribuição de Propaganda, Re-

gistro de Imprensa e Administração”<sup>23</sup>.

Se Goebbels era devotadíssimo a Hitler, Getúlio encontrara alguém para ser seu *alter ego*, em Lourival Fontes, mas a partir do engajamento do Brasil com a II Guerra Mundial e ante a pressão sobre o governo para exoneração daqueles vinculados com o nazifascismo, Lourival Fontes pede demissão no dia 17 de julho de 1942.

O DIP passa então por sua fase militar, sendo nomeado, em agosto de 1942, o major Antônio José Coelho dos Reis, e, no ano seguinte, o major Amílcar Dutra Menezes. Sem mais contar com o empenho de Lourival Fontes, Getúlio perde visibilidade ante a propagação de ações militares em defesa da Nação. A marca militarista é imposta em definitivo ao DIP. As cerimônias do regime continuam a ser realizadas, mas a ênfase recai na “defesa da Pátria”. Robustecidos pela opinião pública os militares não se alinharam a Vargas, como em



1937, e este sai do governo, dando oportunidade para seu ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra ganhar a eleição em 2 de dezembro de 1945. Já em março, o DIP tinha sido transformado em Departamento Nacional de Informações - DNI, este extinto em setembro de 1946. Lourival retornaria mais tarde no protagonismo das articulações para o retorno do “velho” em 1951.

Entre as inúmeras similaridades com as práticas propagandística do nazi-fascismo, os antagonismos também se fizeram assemelhados. Em Berlim, Goebbels e Göring disputavam o controle dos meios e no Brasil a competição também ocorria entre Lourival Fontes e o coronel Filinto Müller. A Polícia Política de Filinto mantinha o Serviço de Divulgação (SD), o que tornava inevitável o confronto com o DNPC de Lourival Fontes, que realizava atividades semelhantes. A truculência ficava ao encargo de Filinto, que não raro “tirava do ar”, prendia radialistas e até

sumia com eles. Em 15 de abril de 1939, o Serviço de Divulgação da Polícia Política é extinto. O controle da censura passa para Lourival Fontes, que a tornou ainda mais rigorosa, sempre nos moldes da Alemanha e incentivou a radiodifusão. A Filinto, restou o Serviço de Inquiridos Políticos Sociais (SIPS).

No DIP foi regulamentada a divisão de Radiodifusão, com o objetivo inicial de transmitir informações a respeito das atividades desenvolvidas no Brasil através deste veículo: “Levar aos ouvintes radiofônicos nacionais e estrangeiros, por intermédio da radiodifusão oficial, tudo o que possa fixar a atenção sobre as atividades brasileiras em todos os domínios do conhecimento humano”<sup>24</sup>. Descreve Oliveira:

Em 17 de Setembro de 1942, através do decreto nº 4.701, alegando motivo de segurança nacional, o governo passava a interferir também no comércio de aparelhos receptores. A fiscalização ficava a cargo da Divisão de Radiodi-



fusão do DIP. Jambeiro conta que "não se podia transacionar com súditos alemães, italianos ou japoneses, pessoas físicas ou jurídicas, nem mesmo sob a forma de doação ou permuta... os responsáveis ficariam sujeitos a pena de reclusão de cinco a dez meses".

A Divisão de radiodifusão também ficou responsável pelo acompanhamento do crescimento da quantidade de aparelhos no país. O número de radioreceptores passou de 536 em 1923 para 30.000 em 1926. A quantidade de aparelhos, que já era de 357.921 em 1939, foi para 659.762 em 1942.

Uma preocupação da máquina de propaganda estatal e que foi repassada à Divisão de Radiodifusão foi a de multiplicação do acesso ao programa estatal. Empreendeu-se um esforço da própria Presidência da República e de órgãos federais em adquirir equipamentos e instalá-los em praças e pontos de concentração, de forma a aumentar a quantidade de ouvintes. Esta medida foi registrada através de mensagem enviada por Getúlio Vargas ao Con-

gresso Nacional em 01 de Maio de 1937:

"Que nas pequenas aglomerações sejam instalados aparelhos radioreceptores, providos de alto-falantes, em condições de espalhar a todos os brasileiros, sem distinção de sexo nem idade, momentos de educação política e social"<sup>25</sup>.

Em 12 de setembro de 1936 surgia a Sociedade Rádio Nacional, encampada por Getúlio Vargas em 1940 para ser um veículo que fosse a voz oficial do governo. Por seu palco, inaugurado em 19 de abril de 1942 - data do aniversário de Getúlio - passaram grandes cantores, atores, músicos, jornalistas e um sem número de amadores, calouros que tentavam uma oportunidade no mundo do Rádio. Pode-se afirmar que a Rádio Nacional levou aos quatro pontos do Brasil o nome, as atividades e até a voz de Getúlio Vargas, construindo o mito de "o pai dos pobres".

As emissoras começavam a disputar audiência e investiam pesadamente no humor e nos



programas de auditório. Se a Mayrink Veiga tinha a PRK30, a Nacional tinha o Balança mas não Cai. Getúlio sabia que o humor tinha um efeito mitigador, naquilo mais tarde denominado por especialistas em comunicação como “efeito narcotizante”, razão por que incentivava que o imitassem e com isso o tornassem cada vez mais popular.

As emissoras pioneiras eram elitizadas e tocavam quase sempre música erudita. Getúlio oportuniza a música popular e até é estabelecida uma data para homenageá-la. Mas a música estava a serviço do nacionalismo e do anticomunismo. Para tanto deveria incentivar a formação de trabalhadores, ênfase política de Getúlio e combater a boemia. A malandragem devia ceder lugar ao cidadão pleno e responsável, como comprova a música *O Bonde São Januário*, de Ataulfo Alves e Wilson Batista:

Quem trabalha é que tem razão  
Eu digo e não tenho medo de errar

O bonde São Januário  
Leva mais um operário  
Sou eu que vou trabalhar  
Antigamente eu não tinha juízo  
Mas resolvi garantir meu futuro  
Vejam vocês  
Sou feliz vivo muito bem  
A boemia não dá camisa ninguém,  
é vivo bem é Muito bem!<sup>26</sup>

O DIP controlava cada música que poderia ir ao ar e até mesmo o enredo das Escolas de Samba, que surgiam na época. Todas deveriam enaltecer o nacionalismo. Dentre grandes compositores destacava-se Ary Barroso com seus sambas exaltação. Na música erudita o maestro Villa-Lobos, desenvolvendo o Canto Orfeônico, também em voga na Alemanha. Discorre Oliveira:

A música foi classificada pelo governo como importante aliada no processo de formação da cultura nacional e do cidadão brasileiro. Por isso, entre os ritmos que eclodiam nas camadas populares através do rádio, o governo teve a preocupação de eleger um estilo que representasse o ge-



nuinamente brasileiro, como parte do processo de nacionalismo. O samba surgiu como um representante do ritmo nacional eleito entre diversos outros gêneros populares. Esse ritmo foi elevado a categoria de nacional após ter tido um passado de resistência. Chegou a ter a execução proibida no início do século XX, inclusive com a prisão de sambistas que insistiam em cultivá-lo. Mas, antes de ser “promovido”, ele precisou ser “saneado”. O ritmo foi “moldado”, “educado” e teve as arestas aparadas, para que não comprometesse as diretrizes governamentais.

Dentro do próprio governo, setores mais conservadores pressionavam para que fosse feito, com ainda mais rigor, o controle das letras dos sambas veiculados, principalmente durante os programas estatais, como pode ser observado através de diálogo por telefone entre o diretor do DIP, Lourival Fontes, e o major Afonso de Carvalho:

Afonso de Carvalho: Vários generais fizeram ver, ao ministro, a inconveniência de certas letras de sambas irradiadas na ‘Hora do Brasil’. O

Ministro então mandou que eu falasse com você, para chamar a atenção dessas pessoas encarregadas das irradiações.

Lourival Fontes: Até agora, o controle das letras de samba era feito pela polícia, mas daqui por diante, será feito por mim [...] Pode dizer-lhe que levarei, na devida consideração, a reclamação, porque, realmente, ela tem fundamento<sup>27</sup>.

Desde 1932 havia a previsão de um programa de difusão nacional, mas sua ocorrência só veio a acontecer em abril de 1934, inicialmente pela Rádio Clube do Rio de Janeiro, mais tarde Rádio Nacional, entre 21 e 22 horas.

A programação era variada nos aspectos informacional, cultural e cívico. Não poderia ser comparado ao “Conversa ao Pé do Fogo” de Franklin Roosevelt, criado em 1933, até por sido idealizado antes, mas comprova como o Rádio era um grande instrumento de persuasão da época. Prossegue Oliveira.



Em rede nacional, além da parte informativa de interesse do governo, também deveriam ser difundidas música, literatura, cultura e uma crônica com temas de interesse coletivo. Através do programa eram irradiados discursos do presidente de formas direta e indireta, assim como de seus auxiliares<sup>28</sup>.

O programa apresentava notícias turísticas, demonstrando o país aos seus cidadãos e construindo a nacionalidade. O quadro “Recordações do Passado” era para os temas históricos. O “Rádio Teatro Policial” transmitia à população o sentido de justiça e de confiança na força policial. A crônica “Talvez nem todos saibam”, encerrava o programa sempre abordando um tema de interesse do governo.

Em 1934 Rádios do interior, principalmente em São Paulo se uniram na “Hora do Silêncio”. Eram ainda os “ecos” de 1932. O DIP apaziguou as partes aumen-

tando o tempo permitido para “reclames” de 10 para 20%.

Mas ainda ocorriam resistências. Afirma Oliveira:

Para tentar mudar esse quadro e possibilitar a ampliação de sua mensagem, Vargas conclamou, em discurso no Congresso no dia 1º de maio de 1937, Dia do Trabalho, o empenho de todas as esferas do governo no sentido de instalar aparelhos e auto-falantes em locais públicos para transmitir a Hora do Brasil: O Governo da União procurará entender-se, a propósito, com Estados e Municípios, de modo que mesmo nas pequenas aglomerações, sejam instalados aparelhos receptores, providos de alto-falantes. À radiotelefonía está reservado o papel de interesse a todos por tudo quanto se passa no Brasil<sup>29</sup>.

Nos anos 30 o foco principal do Rádio era legitimar o governo e suas atuações. Após o estado novo o Rádio para a dar ênfase ao personalismo, com um grande contributo na exaltação da figura particular e pública de Getúlio,



elevado ao pedestal de herói nacional e mitificado ao lado de Tiradentes e do Duque de Caxias. A partir de 1940, seu aniversário passou a ser efusivamente celebrado, nos moldes das idênticas comemorações na Itália com relação a Benito Mussolini.

O rádio foi importante no processo de construção dessa data como “cívica”, pois passou a conclamar, com antecedência, a população a comemorar o fato, além de acompanhar os eventos em torno dele. “Em 1942, as homenagens se ampliam passando a serem feitas pelas estações de rádio, colégios, jornais, clubes...”<sup>30</sup>

Cada vez mais se tornava evidente a força do Rádio. O Departamento de Radiodifusão do DIP, em conjunto com o Ministério da Educação e Saúde, colocava aparelhos nas escolas e também incentiva a presença deste nas fábricas e nos estabelecimentos agrícolas.

Para cada política haveria de ter uma emissora. Roquete Pinto

doou a Rádio Sociedade ao Ministério da Educação e Saúde, nascendo assim a Rádio MEC em 7 de setembro de 1936. No do 12 mesmo mês entrava no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, controlada pelo Governo Federal, a partir de 8 de março de 1940. Paulatinamente, foram surgindo novas emissoras. Roquete Pinto e Anísio Teixeira criam a Rádio Escola, atualmente Rádio Roquete Pinto. A atenção ao campo faz nascer a Rede Rural, um conjunto de emissoras vinculadas ao Ministério da Agricultura. Já a Rádio Mauá, ex-Rádio Ipanema, era destinada principalmente à classe trabalhadora urbana. Os proprietários da Rádio Ipanema sofreram um inquérito de apuração por receberem recursos e orientações oriundos da Alemanha, levando a Rádio a ser encampada. A emissora foi a pioneira em ter um programa voltado para crianças.

Quatorze estações de rádio brasileiras foram subvencionadas pelo governo alemão. A



Rádio Ipanema chegou a ser totalmente controlada pela embaixada daquele país. “A rádio Jornal do Brasil, a rádio Tamoyo e a rádio Mundial passam a receber, secretamente, fundos do Ministério da Propaganda e da Gestapo, a polícia secreta alemã, para os seus secretários e diretores. Não se tratava de manter as rádios, as rádios eram autossuficientes. Tratava-se de convencer esses dirigentes para que eles recebessem material pró-alemão e colocassem no ar”<sup>31</sup>.

## **EVOLUI O RÁDIO NO BRASIL COM A REVOLUÇÃO**

Já cantado como arma de combate ao lado do *parabellum*, o Rádio mostra sua força estratégica com o Movimento Constitucionalista de 1932, que exigia a edição de uma nova Constituição e o término do governo provisório de Getúlio Vargas, assenhorado em 1930, e já nominado de ditatorial.

Com a contra ofensiva das forças aderentes a Getúlio, com-

preendendo principalmente Minas Gerais, Rio de Janeiro e o sul do país, São Paulo foi bloqueado por terra e mar. Era impossível manter comunicações com o resto do país. Somente o Rádio poderia transpor fronteiras e adentrar no campo opositor com suas idéias e justificações. E assim se deu, como afirmaria Cesar Ladeira: “Foi uma arma manejada com inteligência. Era preciso servir. Servimos... Combateu-se pelo ar”.

No Largo da Misericórdia, em frente ao palácio do governo e nas cercanias dos estúdios da Rádio Cruzeiro do Sul, aconteceu a primeira grande manifestação. Oliveira descreve:

O jovem repórter Mário Ferraz Sampaio chegou rapidamente ao local. Naquele tempo, ainda eram complicadas as transmissões ao vivo, mesmo que por telefone, já que ainda não existiam os “orelhões” e os telefones particulares eram raros na cidade. Uma hora depois, o repórter já estava de volta aos estúdios relatando o que ti-



na presenciado. Com isso, pouco depois, comícios e manifestações eclodiram em vários pontos da cidade<sup>32</sup>.

No relato do próprio Mário:

Para lá, corri tomando nota para a reportagem. O primeiro a falar foi o Dr. Pedro de Toledo, que com voz cheia de fervor político, explicou ao povo as razões do movimento, entre aplausos e gritos da multidão inflamada. Sua oração foi longa e outros oradores ocuparam a tribuna, numa das janelas do palácio<sup>33</sup>.

O movimento já se instaurada, em verdade em 23 de maio de 1932, quando estudantes invadiram a Rádio Record de São Paulo. Na voz do discente de Direito Cesar Ladeira, foi lido um manifesto à nação. Houve pesada contra-reação Houve choques entre manifestantes e os integrantes da Legião Revolucionária. Na praça da República, foram metralhados os estudantes Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo. A sigla dos nomes deles MMDC, passou a ser

o símbolo daquele movimento". Surge nessa época um dos maiores locutores que o Brasil já conheceu: César Ladeira. Seu boletim diário, das duas às quatro horas da manhã, terminava com um apelo revolucionário a Getúlio Vargas: "Que renuncie o ditador!". As rádios Cruzeiro do Sul, Educadora e Record lideravam a cadeia de transmissão, com transmissões em espanhol e inglês.

A Revolução Constitucionalista de 1932 inaugura o primeiro combate "aéreo" de nossa história, com verdadeira guerra da informação entre emissoras de São Paulo *versus* Minas e Distrito Federal, atual Rio de Janeiro. As emissoras do sul também participavam mas com algumas restrições.

Por oportuno há que se lembrar a fecundidade radiofônica do sul do país. As primeiras entidades transmissoras - Rádio Sociedade Riograndense (1924), Sociedade Rádio Pelotense



(1925) e Rádio Sociedade Gaúcha (1927).

Logo na Revolta Tenentista, a estação irradiadora da Rádio Sociedade Rio-grandense transmitia o discurso do Presidente Washington Luis em 15 de novembro repudiando o movimento. Em 1930, a Rádio Sociedade Gaúcha atua ao lado da Frente Única Rio-grandense ao lado de Getúlio. Discursos inflamados, como o do deputado e militar Jayme da Costa Pereira, uma exortação aos soldados aquartelados na Vila Militar e no Realengo, na capital federal, a abandonarem a defesa de Washington Luiz. Usando como forma de contrapropaganda, o rádio, afirma que a resistência reduzia-se, naquele momento, apenas a poucos focos legalistas no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Espírito Santo e Amazonas. Também articulava pela Gaúcha o próprio Oswaldo Aranha, e informes em francês levavam notícias do Brasil para o exterior

obrigando o governo federal a caçar receptores de rádio.

Ferrareto relata que em 1932, no Rio Grande do Sul, já havia interesses não atendidos pelo governo de Getúlio. Flores da Cunha enseja um movimento de oposição e vai às armas, mas um inoportuno telegrama de Júlio Prestes desmantela a trajetória opositora e a oscila pró Getúlio.

A peça-chave no futuro do movimento de oposição toma-se o interventor gaúcho, general José Antônio Flores da Cunha, que chega a preparar a sublevação, traçando estratégias de combate e distribuindo armas. Um radiograma proveniente de São Paulo muda tudo. Nele, Júlio de Mesquita Filho, um dos articuladores da rebelião, sugere que Borges de Medeiros assumo o poder no Rio Grande do Sul. O teor do comunicado chega ao conhecimento de Flores que, descontente, mantém o apoio a Getúlio Vargas. O levante paulista irrompe em 9 de julho<sup>34</sup>.



O Rádio não teve tempo para amadurecer. Fez-se na reverberação dos anseios e das agruras das revoltas, no ecoar do desembainhar das espadas, dos estampidos algo ocorridos, do encilhar dos cavalos, nos vivas e urras das raças pungentes. A revolta se faz com rádio e paralelo.

A Intentona Comunista de 1935 circunscreveu-se e foi sufocada por crer no *parabellum*, mas subestimar o Rádio. Foi minimamente ingênuo acreditar poder reunir massas humanas, com índice de 60% de analfabetismo, através da conscientização de grupos. Getúlio não apenas a esmagou, mas dela fez uso para aglutinar apoio e encabrestar o Congresso. Afirmando que “o Comunismo constitui o inimigo mais perigoso da civilização cristã”, passa a utilizar a técnica propagandística da repetição de seu pensamento que era retransmitido incessantemente pela emissoras “afiliadas”.

E assim se chega a 1937, quando já se ensejavam candidaturas à presidência da República de Armando Sales de Oliveira e Oswaldo Aranha. Vargas denuncia o Plano Cohen, um plano de comunistas para tomarem o país. Ele o difunde paulatina pelas emissoras e culmina com o fechamento do Congresso e a outorga de nova Constituição, instaurando o Estado Novo. História Santos:

Na noite de 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas utilizou-se do rádio pra pronunciar seu famoso discurso intitulado “Proclamação ao Povo Brasileiro” [...] Ao pé do rádio, milhares de famílias escutavam as justificativas de Vargas para as duras medidas tomadas naqueles dias, medidas essas, segundo seu discurso, necessárias [...].<sup>35</sup>

Em 1937 Vargas declarou o Estado Novo. A declaração foi através do rádio. O discurso começou como todos os outros: “Trabalhadores do Brasil...”. Para



parte da população foi uma surpresa, já que o país estava no processo eleitoral de sucessão.

Por ironia, ou propositalmente, o texto anunciando o Estado Novo, enviado à Rádio Mayrink Veiga, acabou lido por ninguém menos do que César Ladeira, o mesmo que tinha se transformado na “Voz da Revolução Constitucionalista de 32”. Ao término de todo aquele conflito e consensuado o fim das beligerâncias, Ladeira e outros radicalistas haviam migrado para o Rio de Janeiro e se tornaram astros e estrelas da constelação radiofônica da capital.

O episódio do Estado Novo marca o primeiro “atentado” à media impressa como veículo noticioso. O Rádio levava a notícia instantaneamente aos lares, antecipando-se aos jornais que dependiam de edição, impressão e distribuição. Mas também representou um rude golpe contra os interesses financeiros das emissoras, que estavam preparadas para auferir os divi-

dados de uma possível competição eleitoral entre Armando Sales de Oliveira, o “seu Manduca”, e Oswaldo Aranha, o “seu Vavá”.

Em 1938 o motim integralista de 11 de maio foi um caso raro e de maior repercussão a desafiar as forças do Estado Novo. O plano dos amotinados era tomar o Palácio do Catete e algumas rádios, assim obtendo apoio popular para a tomada do poder. A líder de audiência Rádio Mayrink Veiga, sediada no Rio de Janeiro, chegou a ser ocupada, mas os inflamados discursos encontraram ouvidos mocos junto à população.

Os integralistas tentaram ocupar algumas estações. Alguns até chegaram a conseguir por algum tempo. Mas o próprio Plínio Salgado não chegou a ir a nenhuma dessas estações. Não se tem memória que ele tenha chegado a fazer discursos nem ido a nenhuma estação, nem usado as transmissões para anunciar uma tomada de poder. Foram apenas



alguns seguidores que chegaram a ocupar por algumas horas os microfones de uma estação. Mas logo o governo getulista contratou e todos foram presos, inclusive Plínio, que foi enviado para a Ilha Grande.

O mundo já se dividia entre os países membro do “Eixo” - Alemanha, Itália e Japão - e os aliados, capitaneadas pela Inglaterra, e, após 1941, com o ataque surpresa a Pearl Harbor, os Estados Unidos. O Brasil, desde a ascensão nazifascista mantinha uma franca admiração com esse regime, de onde tirava lições permanentes de boas práticas de atuação, tanto para o cinema, os grandes eventos, as artes e, principalmente, para o Rádio, o grande veículo de massa de então.

O presidente Franklin Roosevelt determinou então um pesado esforço de aproximação da América Latina aos ideais norte americanos, instituindo o *Office of the Coordinator of Interamerican Affairs*, ou, mais simples-

mente, o Bureau Interamericano, chegando a ser difundidos através de 200 emissoras no continente, além de 12 estações transmissoras de ondas curtas para a América Latina, de acordo com Gerson Moura<sup>36</sup>.

A Segunda Guerra Mundial apresentou uma batalha sem precedentes na história da humanidade: aquela travada nas ondas do Rádio. A mobilização “espiritual” dos civis era fundamental para a sustentação da infraestrutura do esforço de guerra. O noticiário não poderia desencorajar, mas sim servir de alento e incentivo a um desempenho cada vez maior. Emissoras disputavam atenção além de suas fronteiras transmitindo em idiomas além do pátrio. De Berlim chegavam informes radiofônicos em português, e do Brasil se disseminava informação em inglês, francês e espanhol. Para tanto, a Rádio Nacional chegou a ser a quinta emissora mais potente do mundo. Se do início da guerra a programação era tendenciosa-



mente pro Eixo, paulatinamente foi pendulando para o lado Aliado, notoriamente após o ingresso dos Estados Unidos da América no conflito. A internacionalização do Rádio trouxe para o Brasil muito do noticiário da BBC de Londres e entretenimento, principalmente música americana, episódio que marcaria o início de uma aculturação ou colonização cultural do Brasil. O radiojornalismo, incipiente desde as primeiras transmissões ganha destaque, com os ouvintes ansiando por notícias da guerra.

Em depoimento ao documentário *Rádio no Brasil*, Murilo Antunes Filho narra:

Era praticamente proibido o improviso no rádio. O jornalismo, na época, era feito através de notícias datilografadas que eram lidas pelos locutores. Ninguém podia improvisar e dar notícias que não estivessem datilografadas porque elas ficavam no arquivo para posterior verificação da censura, caso houvesse qualquer transgressão. Pode parecer curioso, mas os locu-

tores, quando chegavam ao estúdio, encontravam sempre uma relação de notícias que não poderiam ser transmitidas segundo determinação do DIP. E isso ocorreu de 1937 a 1945.

Uma data especial no radiojornalismo é o dia 28 de agosto de 1941, quando entra aquele que seria considerado o mais importante noticioso do rádio brasileiro: o *Repórter Esso*, “testemunha ocular da história”. Criado por publicitários, quando aqui chega o *Repórter Esso* já era transmitido regularmente em Nova Iorque, Buenos Aires, Santiago, Lima e Havana. Seu compromisso com a verdade era reconhecido pelos ouvintes que só davam credibilidade à notícia que fosse confirmada pelo *Repórter Esso*. No relato de Montijo Teodoro:

O “Repórter Esso” da Rádio Nacional foi o mais importante radiojornal. Até hoje sua marca está impressa em tudo o que existe no gênero. A começar pelos horários. Até o



seu aparecimento, os radiojornais tinham “mais ou menos” hora certa de ir ao ar (8:00, 12:55, 19:55 e 22:55). O “Repórter Esso” primou pelo horário. Podia-se acertar o relógio pela sua fanfarra de abertura<sup>37</sup>.

Outros noticiosos ocorreram, principalmente na concorrente Rádio Tupi, do conglomerado liderado por Assis Chateaubriand, que passou a ser ferrenho opositor de Vargas. Com o término da Guerra e a ascensão do ideário de liberdade, essência vitalizadora do Tenentismo, o Estado Novo se encerra com a destituição do velho caudilho em 29 de outubro de 1945. Mas o modelo ditatorial nazifascista não estava extinto. Elege-se para a presidência um general reconhecidamente germanófilo e é desencadeado o movimento “queremista”, a solicitar o retorno de Getúlio.

Rádio e Tenentismo são duas expressões com gênese dos anos 1920 ocorridas em contextos diferentes, mas irmamente

entrelaçadas. Os tenentes e os visionários do rádio buscavam, de suas próprias maneiras, transformar o Brasil e aproximá-lo de uma nação mais moderna, justa e informada. A correlação entre os dois reside nos ideais de renovação e progresso que ambos defendiam em um momento crítico da história brasileira. Com isso proveram-se e se promoveram reciprocamente, disseminando idéias e ideários sociopolíticos, que seriam fartamente militarizados com o ensejo da Segunda Grande Guerra.

O Tenentismo, evoluiu no mesmo período do surgimento e crescimento das emissões radiofônicas. Embora o Rádio estivesse sob forte influência nazifascista, ensejada pelo DIP, após a administração Lourival Fontes, já sob a batuta dos militares maiores Antonio José Coelho dos Reis e Amílcar Dutra Menezes a produção radiofônica passa a privilegiar o nacionalismo, a valorização das forças armadas e a repulsa ao nazifascismo. A figura



de Getúlio Vargas já não era o desiderato principal.

Ainda que não tenha havido aderência com a ideologia comunista, esta teve mitigado seu antagonismo, para não influenciar a adesão brasileira à guerra, já que a Rússia era uma das nações aliadas. O anticomunismo viria a reacender no pós guerra e com a ascensão da Guerra Fria.

O Rádio não teve tempo para amadurecer. Fez-se história na reverberação dos anseios e das agruras das contendidas. Ao ecoar o desembainhar das espadas e os estampidos algo ocorridos, o encilhar dos cavalos e o tropéu dos apressados. Nos vivas e urras das raças pungentes e nas lágrimas nem sempre furtivas. A mordança não lhe abafou a voz, por que a revolta se faz com Rádio e Paralelo.

A modulação política fez-se valer nas frequências do Rádio brasileiro, que não apenas informou, mas, acima de tudo, formou gerações de cidadãos brasileiros.

## BIBLIOGRAFIA

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

CALABRE, Lia. *A era do rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

*Correio da Manhã*. 20 de maio de 1923.

DAMASCENO, Arthur Cavalcanti de Oliveira. Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia, 16º, 2018, Campina Grande. *Conflitos e Polêmicas durante a implantação e expansão da telegrafia sem fio no Brasil*. Sociedade Brasileira de História da Ciência [https://www.16snhct.sbhc.org.br/resources/anais/8/1545087158\\_ARQUIVO\\_ArthurSNHCT2018\(final\).pdf](https://www.16snhct.sbhc.org.br/resources/anais/8/1545087158_ARQUIVO_ArthurSNHCT2018(final).pdf) visitado em 03 de maio de 2024.

DICIONÁRIO Histórico Biográfico Brasileiro. Coordenação Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 201. *Verbetes Rádio Clube do Brasil e Verbetes Rádio Gaúcha*.



FERNANDES, F. A. 65 anos de radiodifusão no Brasil. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 10, n. 56, 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): Dos pioneiros às emissoras comerciais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2000.

GARCIA, Nelson Jahr. *O Estado Novo: ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982.

HOUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

<https://brasitaliawebradio.com/marconi-e-o-cristo-redentor>. Acesso em 22 abr. 2024.

<https://www.dw.com/pt-br/1924-primeira-feira-de-radiodifus%C3%A3o-em-berlim/a-704908>. Acesso em 12 jun. 2024.

<https://www.dw.com/pt-br/como-o-r%C3%A1dio-se-tornou-um-culto-entre-os-alem%C3%A3es/a-56032947>. Acesso em 12 jun. 2024.

<https://www.letras.mus.br/wilson-batista/259906/>. Acesso em 14 jun. 2024.

<https://www.ouvirmusica.com.br/lamartine-babo/715597/>. Acesso em 22 abr. 2024.

JAMBEIRO, Othon. *Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação*. Salvador: Edufba, 2003.

LENHARO, Agir. *A sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.

LONGERICH, Peter. *Joseph Goebbels*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MANETTI, Daniela. *Un'arma poderosissima: Industria cinematografica e Stato durante il fascismo 1922-1943*. Milão: FrancoAngeli, 2012.

MORAES, Jaime. *Ilha do Governador, o passado no presente*. <https://www.facebook.com/search/top/?q=ilha%20do%20Governador%20o%20passado%20no%20presente>. Acesso em 22 abr. 2024.

MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração americana*.



na no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NASCIMENTO, Márcio. *PRA-9 Rádio Mayrink Veiga: um lapso de memória na história do rádio brasileiro*. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2002.

OLIVEIRA, Luiz André Ferreira. *Getúlio Vargas e o desenvolvimento do rádio no País: um Estudo do Rádio de 1930 a 1945*. 2006. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

*Rádio no Brasil*. Documentário com criação e direção: Carlos Alberto Viseu. Teletape, 1984.

*Revista Brasil-Ferro-Carril*, ano X, 1919, p. 535.

SAMPAIO, Mario Ferraz. *História do rádio e da televisão no Brasil e*

*no mundo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SANTOS, Marco Antônio Cabral dos. DIP: máquina de propaganda que conquista corações e controla mentes. *Revista História Viva*, São Paulo, n. 10 - edição especial temática, ago. 2004.

TAVERNA, Rosenente; MELLO, Eloisa Helena. Processo histórico do analfabetismo no Brasil (1500-1945). *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.8, n.9, p. 62250-62265, set., 2022. In <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/52006>. Acesso em 10 de junho de 2024.

TCHAKHOTINE, Serge. *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1939. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tchakhotine/1939/massas/40.pdf>. Acesso em 15 jun. 2024.

TEIXEIRA, Francisco Carlos. In <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/a-imprensa-que-se-encantou-com-o-nazismo/> Consultado em 22 de maio de 2024.



TELLES, Pedro Carlos da Silva.  
*História da Engenharia no Brasil*.  
Rio de Janeiro: Clavero Edito-  
ração. 1993.

TEODORO, Gontijo. *Você entende  
de notícia*. Rio de Janeiro: TV  
Jornalismo Comunicação, 1970.

A comunicação sobre *A (R)evolução do Rádio* contendo momentos radiofônicos da história pode ser assistida na página acessível pelo seguinte código QR:





## NOTAS

<sup>1</sup> *Correio da Manhã*. 20 de maio de 1923.

<sup>2</sup> *Revista Brasil-Ferro-Carril*, ano X, 1919, p. 535.

<sup>3</sup> TELLES, Pedro Carlos da Silva. *História da Engenharia no Brasil*. Rio de Janeiro: Clavero Editoração. 1993.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> <https://www.dw.com/pt-br/1924-primeira-feira-de-radiodifus%C3%A3o-em-berlim/a-704908>. Consultado em 12 de junho de 2024.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Luiz André Ferreira. *Getúlio Vargas e o desenvolvimento do rádio no País: um Estudo do Rádio de 1930 a 1945*. 2006. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> CALABRE, Lia. *A era do rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

<sup>9</sup> SAMPAIO, Mario Ferraz. *História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

<sup>10</sup> JAMBEIRO, Othon. *Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação*. Salvador: Edufba, 2003.

<sup>11</sup> NASCIMENTO, Márcio. *PRA-9 Rádio Mayrink Veiga: um lapso de memória na história do rádio brasileiro*. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2002.

<sup>12</sup> BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

<sup>13</sup> SAMPAIO, op.cit.

<sup>14</sup> OLIVEIRA, op.cit.

<sup>15</sup> JAMBEIRO, op.cit.

<sup>16</sup> ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

<sup>17</sup> TCHAKHOTINE, Serge. *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1939. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tchakhotine/1939/massas/40.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2024.

<sup>18</sup> JAMBEIRO, op.cit.

<sup>19</sup> LENHARO, Agir. *A sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986.

<sup>20</sup> LONGERICH, Peter. *Joseph Goebbels*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> OLIVEIRA, op.cit.

<sup>23</sup> Ibid.



---

<sup>24</sup> Ibid.

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> <https://www.lettras.mus.br/wilson-batista/259906/>. Acesso em 14 jun. 2024.

<sup>27</sup> OLIVEIRA, op.cit.

<sup>28</sup> Ibid.

<sup>29</sup> Ibid.

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> Ibid.

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> SAMPAIO, op.cit.

<sup>34</sup> FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): Dos pioneiros às emissoras comerciais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2000.

<sup>35</sup> SANTOS, Marco Antônio Cabral dos. DIP : máquina de propaganda que conquista corações e controla mentes. *Revista História Viva*, São Paulo, n. 10 - edição especial temática, ago. 2004.

<sup>36</sup> MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração americana no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

<sup>37</sup> TEODORO, Gontijo. *Você entende de notícia*. Rio de Janeiro: TV Jornalismo Comunicação, 1970.